



BRAGA—(Dume). O velho passadiço para o convento

(Phot. de B. de Carvalho)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.

Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 126

Braga, 27 de novembro de 1915

Anno III

Ornamentos d'Egreja da Casa Estrella

Officinas d'Escultura e Talha Religiosa, em madeira, marfim e massa (Fundada em 1874)

Pecum o noso catalogo illustrado com 143 gravuras. (Pede-se uma visita ás nossas officinas e depositos de vendas)

Aos nossos trabalhos foram concedidos os mais altos premios nas exposições
Industriaes Portuguezas de 1887 e 1897



A CASA ESTRELLA é a fornecedora das principaes casas congeneres no estrangeiro
Depositos de imagens, oratorios, castiçaes, ramos, custodias, calix, lampadas, lustres, etc. etc.
e de todos os objectos do culto divino desde os mais simples aos mais luxuosos

Specimen de uma escultura em madeira executada nas nossas officinas

PORTO — Rua do Bomjardim, 85 a 89 e Rua de Santo Antonio, 59 a 63

GUARDA = Representante e depositario — CASA SUCENA
Rua Heliodoro Salgado



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 27 de novembro de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 126—Anno III



Entrada do Convento de Christo em Thomar

Chronica da Semana

Figuras...

A' hora a que escrevo fez um successo de ironia a ultima carta do sr. dr. Bernardino Machado ao seu presidente de conselho. Quasi unanimemente os leitores d'ella notaram que a phrase e o cumprimento usados cheiram a monarchia que fresanda, e já por'hi se escutam remos dos mais puritanos heroes do 14 de maio, que não concebem como é que em democracia avançadissima pode um chefe d'Estado fazer reviver usanças do *ominoso tempo*...

Tudo se explica porém, quer pela força da educação, toda pontinhos, em que o sr. dr. Bernardino Machado se esmera, se emêla e se dilue, quer por um atavico fundo que lhe ficou (ó manes da legalidade constitucional!) da *tôrva* dictadura de 96, com o Franco e o Lobo d'Avila por camaradas. O sr. dr. Bernardino Machado sempre foi assim e não errava tambem aquelle seu honrado parente que dizia que «o Bernardino tinha uma *hypotéca* na cabeça» querendo dizer que o sr. dr. Bernardino Machado tinha uma *bibliotheca* na cabeça.

O sr. presidente da Republica é de facto uma pessôa muito lida e poderá facilmente discretear acêrca da força da tradição nos individuos como nas collectividades quando qualquer mal humorado correligionario lhe vier tomar contas pelos termos da sua carta ao sr. José de Castro, que tambem terminou a sua por um *aperto de mãos de V. Ex.^a* que bem perto anda do *beijo as mãos de Vossa Magestade* do ex-administrador franquista do Fundão, natural de Valhêlas.

Oh! o ps sado a resurgir de vez em vez na alma dos seus inimigos de hoje! E quem sabe se a força mysteriosa da resurreição não será a saudade! No sr. dr. Bernardino Machado pelo menos. Porque s. ex.^a (o facto é conhecido) sempre imperterrito na sua sobrecasaca de republicano bem educado, na sua constante preocupação de *não descer*, é bem a ligação entre o passado e o presente, e mantem uma tão viva recordação das pessoas reaes exiladas que uma vez... Contemos:

O sr. Fernando Eduardo de Serpa, administrador dos bens da casa real, careceu de fallar com o sr. dr. Bernardino Machado ao tempo — diz quem me narrou o episodio

— presidente do conselho. O actual chefe d'Estado ao ver o visitante abriu-lhe os braços, disse-lhe quanto estimava aquelle encontro e perguntou-lhe como iam o sr. D. Manuel e a sr.^a D. Amelia.

— Vão bem, sr. dr. Bernardino Machado. Vão bem... respondera o sr. Fernando de Serpa.

— Pois quanto folgo em o saber! Quanto folgo!... E quanto estimo! Sabe? Tenho-me lembrado muito d'elles.

Olhe! quando lhes escrever apresente-lhes as minhas cordeas lembranças e cumprimentos e diga-lhes, sim! diga-lhes que ainda espero vê'os, outra vez em Portugal... como Duques de Villa Viçosa!...

O episodio foi-me assim narrado. E todos os que o ouviram se sorriram a bom sorrir, desconhecendo que afinal só o sr. dr. Bernardino Machado era capaz d'uma d'aquellas! Eu deixo o caso n'esta chronica menos como authenticico do que como o fiel retrato de s. ex.^a que eu conheço desde creança em Coimbra e em Villa do Conde, e creio bem que presto talvez um serviço aos futuros leitores da *Historia da Republica em Portugal* (que o sr. Julio Dantas deve escrever com o forte amor dos recém-conversos á democracia) que não tivessem conhecido o sr. dr. Bernardino Machado.

S. ex.^a é o fiel retrato dos ultimos portuguezes, apesar de nascido no Brazil, com os seus cumprimentos, com as suas adaptações, com a sua inconstancia, com a sua von'ade conciliadora, com a sua passagem da monarchia para a republica por causa... por causa de nada, vamos lá! E é tambem o mais curioso dos republicanos, com a sua phobia jacobina e as suas luvas brancas; com aquella pequenina, muito pequenina furia que o leva a chamar *snoobs* e *escrocs* aos realistas... de gardenia na lapella; com aquelle muito amplo criterio que o forçou (sim forçou, a culpa é dos reaccionarios, bem veem!) a perseguir os catholicos e a afirmar aos mesmos catholicos que defende o ensino religioso nas escolas publicas, pouco depois do 5 d'Outubro d'este anno; com aquella graciosa sentimentalidade de guardar os monarchicos na Penitenciaria (oh! para os furtar á *justa* desforra do povo, não veem!) e de abrir os gradeados portões da mesma Penitenciaria ao celebre Leandro, o incendiario da Magdalena...

O sr. dr. Bernardino Machado é presidente da republica, é chefe d'Estado. Sem duvida, já o devêra ser ha muito tempo. O paiz que se encrespava a uma violencia de s. ex.^a e logo se derretia a um cumprimento seu, nunca por nunca se rebelaria com a sua presença em Belem. Porque afinal, ninguem representa o melhor regimen implantado no 5 d'Outubro e reimplantado a 14 de maio do anno corrente — de Nosso Senhor Jesus Christo, concluiria s. ex.^a esta chronica, fitando os olhos no quadro do sr. Baêta, que matou o cão...

F. V.

O Romeiro:



NAQUELLE principio d'inverno rigoroso — o meu segundo inverno de exilio — acolhera-me n'uma sombria e ingenua moradia de pastores, às abas da mais alta serra de *Castilha*. Dezembro corria regelado e soalheiro, farto de ventanias e de neves, n'aquelle isolado lugar, perdido entre as fraguas, longe da vida, longe do mundo onde o velho casebre, como um sombrio ermitão da lenda, tomava seus altivos ares de dono e senhor d'aquelles montes. Era uma pequena cabana, com paredes abraçadas d'heras, senhoreando uma estreita facha de terra, conlida por um cercado tosco, onde pelos dias mourejava a criação e pelas noites — aquellas immensas noites de ventania e neve — se acoitavam os rebanhos. No interior, além d'um pequeno quarto sobradado e alegre, apenas a cosinha, larga, chão de tijolo, ampla, lareira fradesca, á moda castelhana, onde sempre cantava acolhedora, a chamma inquieta d'uma fogueira. Pelas paredes caiadas algumas oleogravuras velhas, cruces sublimes de via-sacra e alguns ramos bentos d'oliveira. Uma janellinha debruçando-se entre as heras, olhava o cercado e ao ladoda porta, dois ferrugentos bacamartes lembravam historias sinistras d'assaltos, quando a serra andou balida pela quadilha do Javardo, homem de pouca fé e de mau coração.

Alli seroavamos, ouvindo o cantar doloroso do vento, seguindo as lendas ingenuas do velho pastor, as suas historietas, os seus feitos, porque o meu hospedeiro palrador fôra soldado de D. Carlos e batera-se em *Stella con miles y miles de hombres*.

N'aquella noite, logo depois da ceia, os cães ladraram no cercado, rangeu o cancello estreito e na porta, soaram apressadas, tres pancadas seccas.

Foram abrir. Entrou uma rajada cortante, que apagou a luz. A velha moradia encheu-se de sombras, que bailavam ao clarão debil da fogueira. Quando depois se reacendeu a velha candeia, poude vêr sentado já, n'um dos bancos da beira lume, um pobre velho, andrajoso, tiritando, as mãos apertadas n'uma supplica, todas voltadas para o céu, como a agradecerem reconhecidas aquelle inesperado asylo. Deveria ter sessenta annos; alto, ligeiramente curvo, — uma cabelleira romantica de *studio* morrendo annellada e branca no fundo negro do chapéu d'um syndico de *Remdbrant*.

Corria mundo. Fizera-se-lhe noite no meio da serra e como a neve tapara os caminhos, gelara os corregos, já se resignava a dormir por alli, debaixo d'alguma fraga quando avistou uma luz. Fôra Deus, que o guiara até nós, que tambem por amor d'Elle, assim andava, de serra em serra, a caminhar, a caminhar...

Vinha dos logares santos, beijara a pedra sagrada do sepulchro e caminhava para *Santiago*, a cumprir o seu voto. Ha quantos annos errava pelo mundo, de terra em terra, escorraçado, dormindo nos curraes, comendo negro pão d'esmola pelas granjas e pousadas. Era sua condição caminhar. Grande mercê de Deus lhe fizera na



vida, que toda a sua vida lhe dedicou. Deixara a familia e pelo mundo fôra cumprir sua promessa devota.

Uma noite, que tambem se perdera na sera, o accaso levou-o a uma granja retirada, onde encontrou parentes... Suppunham-o morto e receberam-o com mostras d' affecto, cercaram-o de ternura, despertaram lhe recordações, e fizeram-o jurar que ficaria, mas antes que o sol rompesse, como um ladrao, fugiu que sua sorte era caminhar. Depois nunca mais, nunca mais! E agora, aquella lareira acolhedora, as nossas atencões, remechiam lhe as saudades, faziam-o lembrar.

Interroguei-o, forcei a sua reserva, quiz penetrar aquelle mysterio, aquella dôr errante, mas só logrei que entre commovido e triste, me dissesse :

«É pelo amor de Deus... Minha sina é caminhar...» É pela manhã, mal repontaram no cercado, umas resteadas de sol madrugador, lá foi para o seu errante destino, para a sua sorte—caminhar... caminhar...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



José de Faria Machado da Costa Freitas

Antigo secretario de legação, escriptor de merito e nosso illustre collaborador

Villas Minhotas

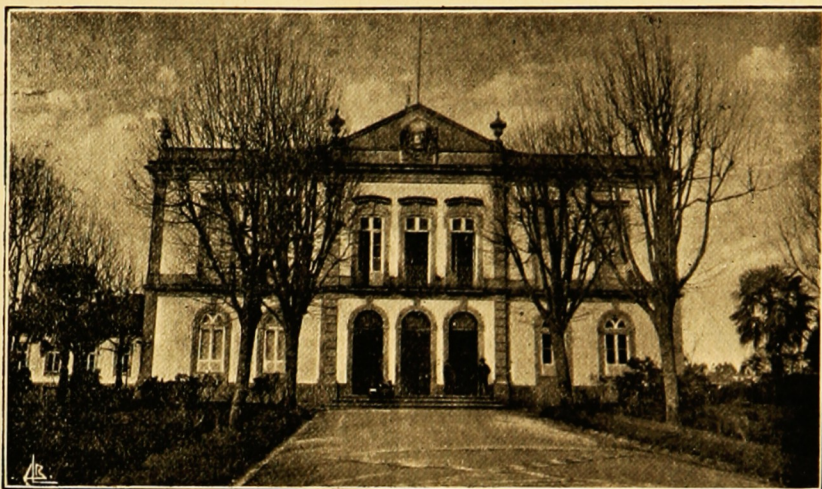
Famalicão

Esta villa poetica como todas as do norte, é uma das mais importantes.

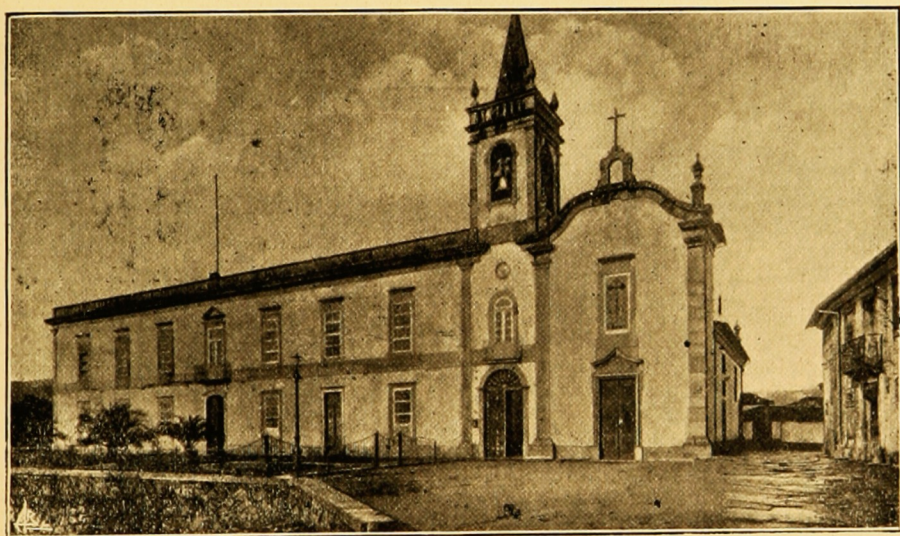
E' uma villa moderna em tudo e por tudo.

Ella tem como em todas as vilas as suas feiras semanaes e annuaes, que são muito concorridas por feirantes de todo o paiz.

O seu commercio tem-se desenvolvido bastante, havendo nos arredores algumas fabricas de tecelagem, com grande numero



Paços do Concelho



Hospital da Misericórdia

de empregados, assim como uma importante fabrica de relógios.

Isto concorre muito para o desenvolvimento d'aquella villa.

A' distancia de uma legua pouco mais ou menos da villa, ha uma estancia balnear d'aguas sulphurosas, que são muito aconselhadas para as doenças da pelle e bronquites.

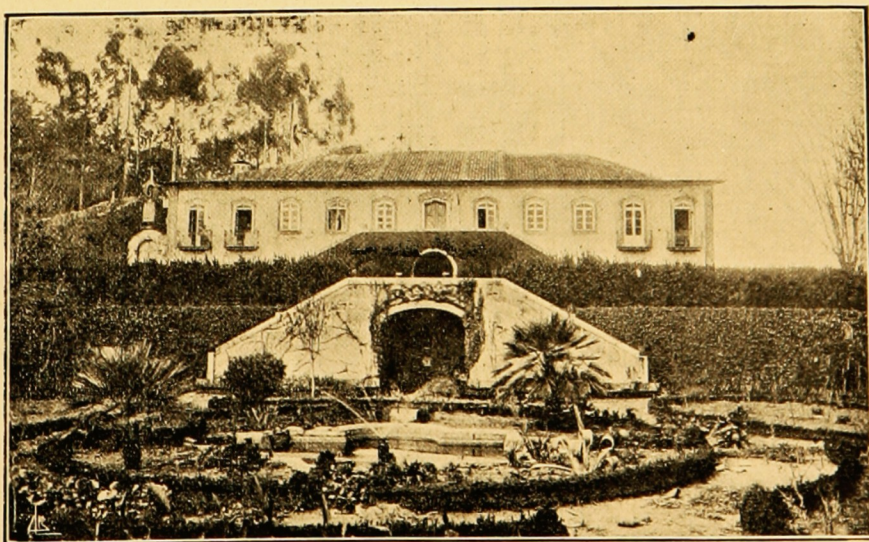
O viajante que visita esta villa fica bem impressionado com seu aspecto ligeiro.

Famalicão tem ruas largas e desafogadas, praças espaçosas e os edificios não tem apparencia muito pesada.

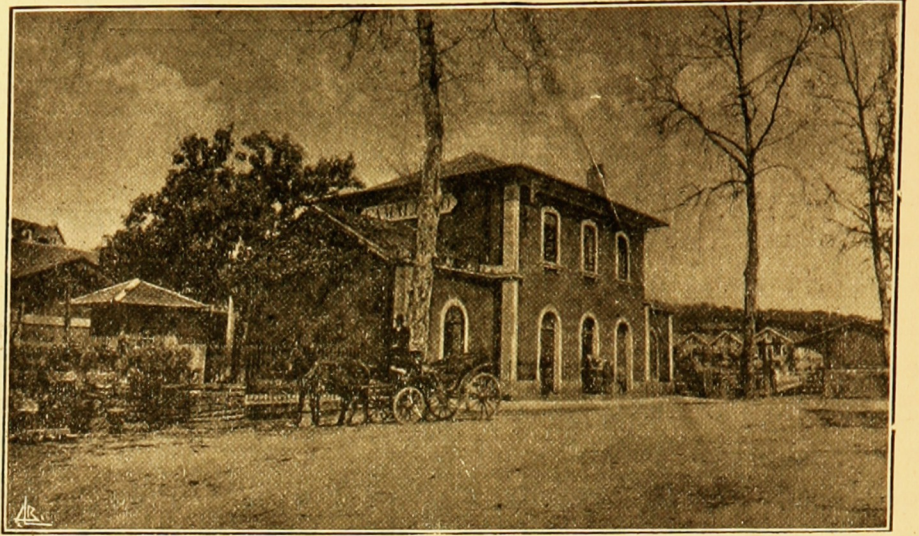
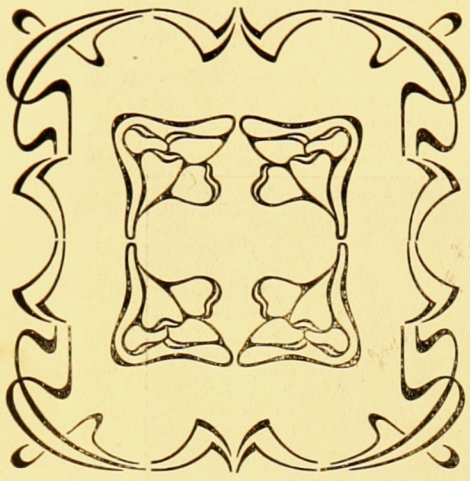
Do Concelho tem sahido grandes homens que tem exercido logares de destaque na sociedade.

Entre elles houve um que se distinguiu nas lettras.

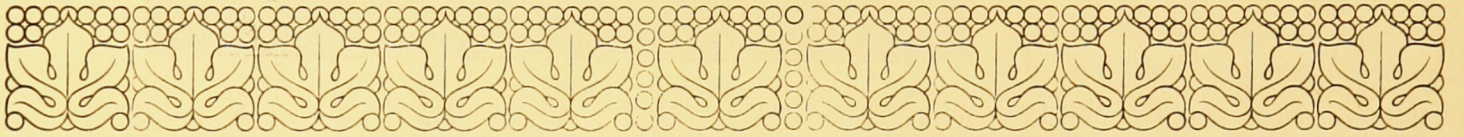
Foi o grande escriptor Camillo Castello Branco. Nasceu n'uma humilde aldeia visinha e foi lá entre as arvores copadas do que lhe pertencia, que elle escreveu algumas das suas melhores obras e onde ha poucos annos acabou para o mundo.



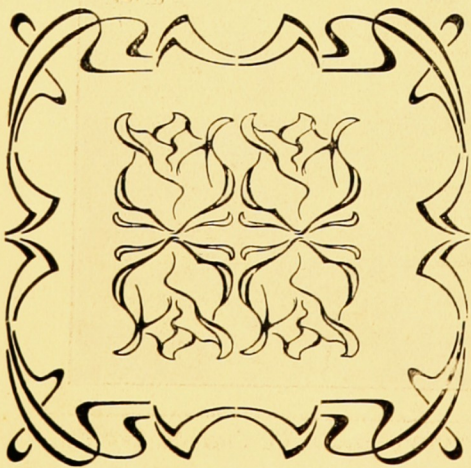
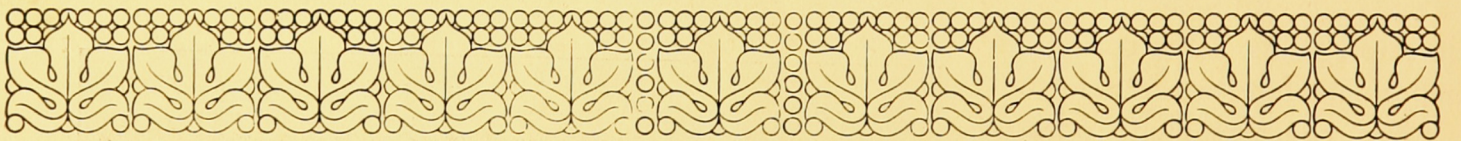
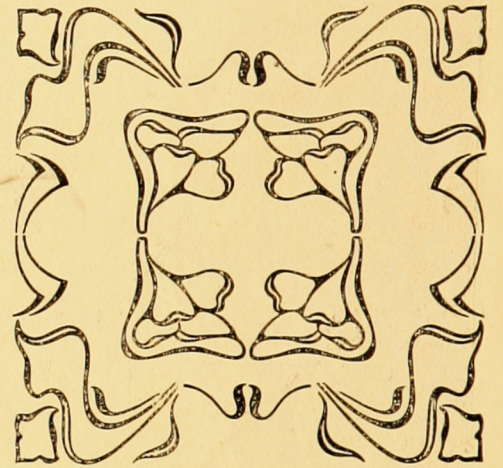
Casa do Vinhal pertencente ao Ex.^{mo} Snr. José d'Azevedo e Menezes



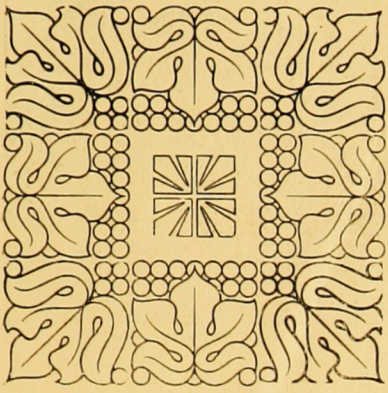
FAMALICÃO—Estação do Caminho de Ferro



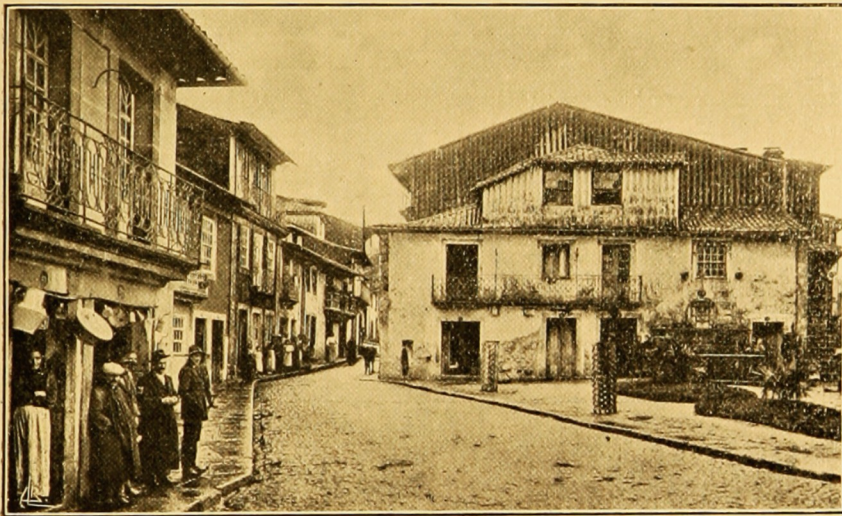
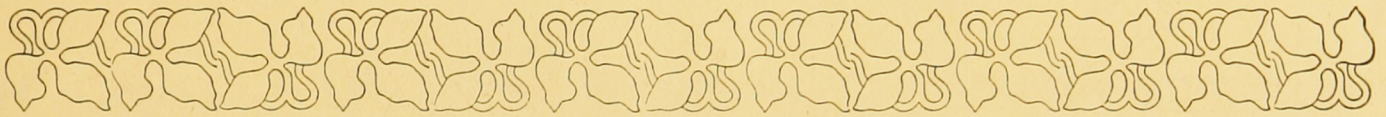
Campo Mousinho d'Albuquerque



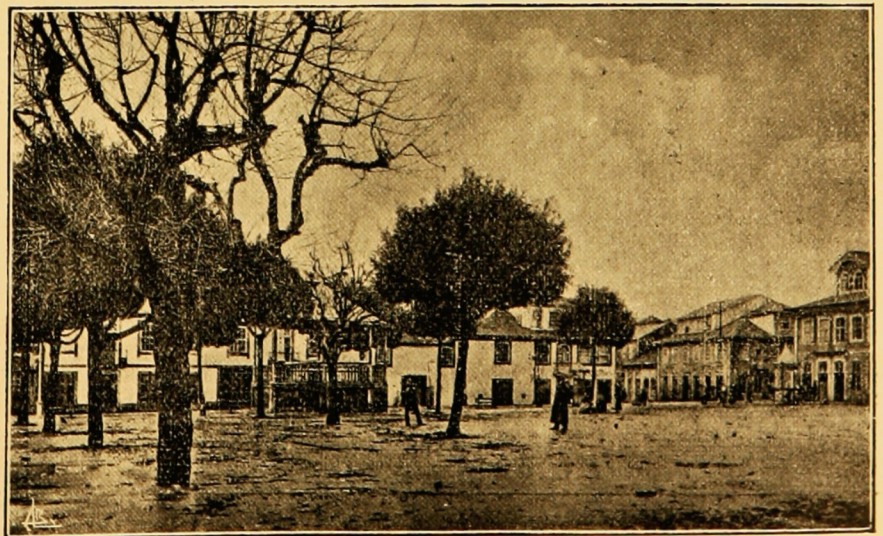
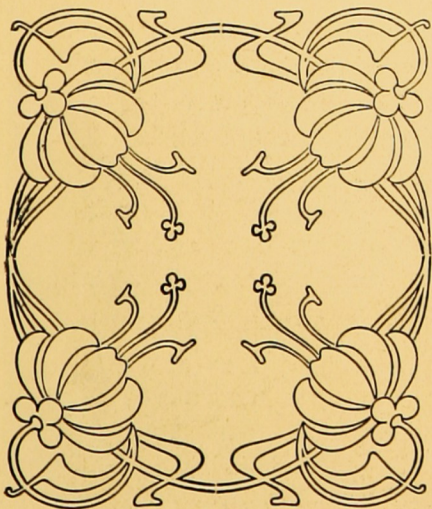
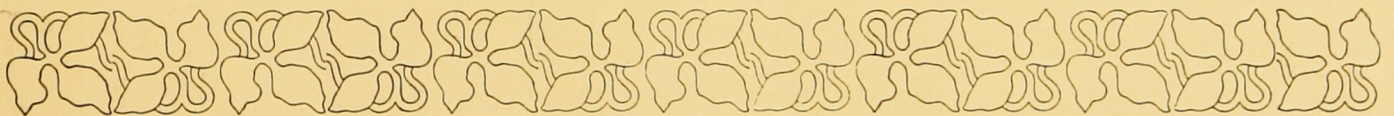
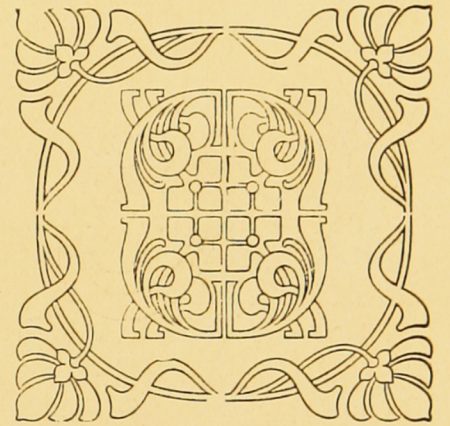
Rua 5 d'Outubro



FAMALICÃO—*Rua Adriano Pinto Basto*



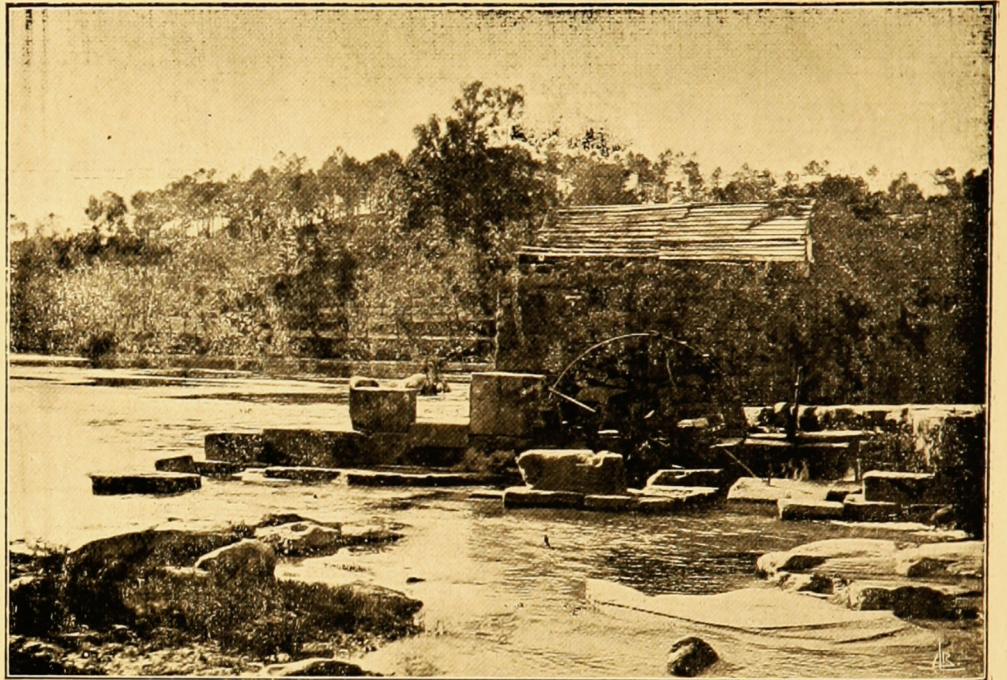
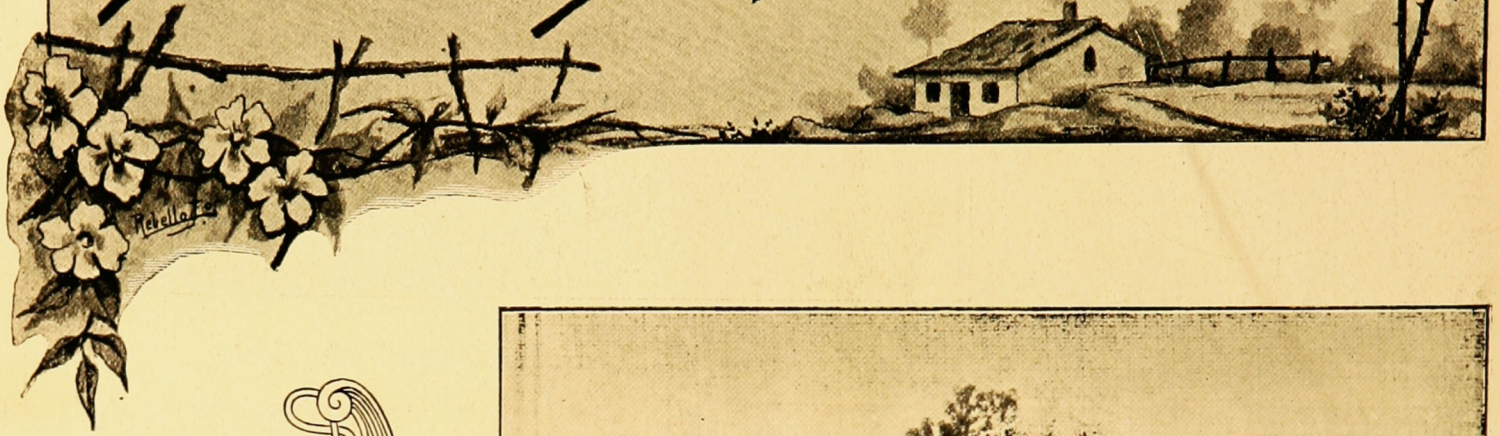
Praça do Conde de S. Cosme do Valle



Outro aspecto do Campo de Mousinho d'Albuquerque



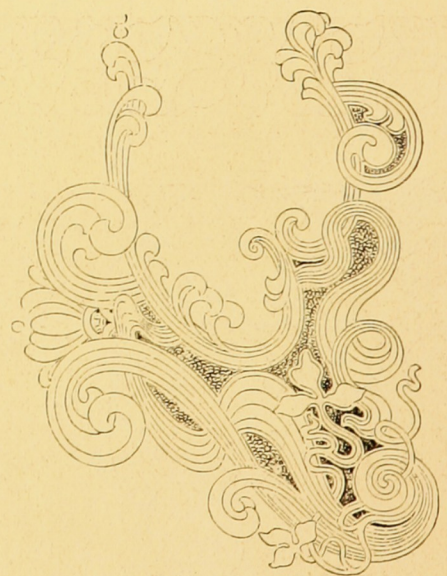
Bellezas de Portugal

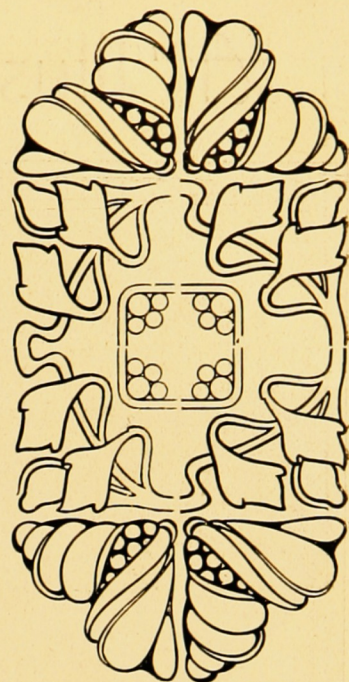
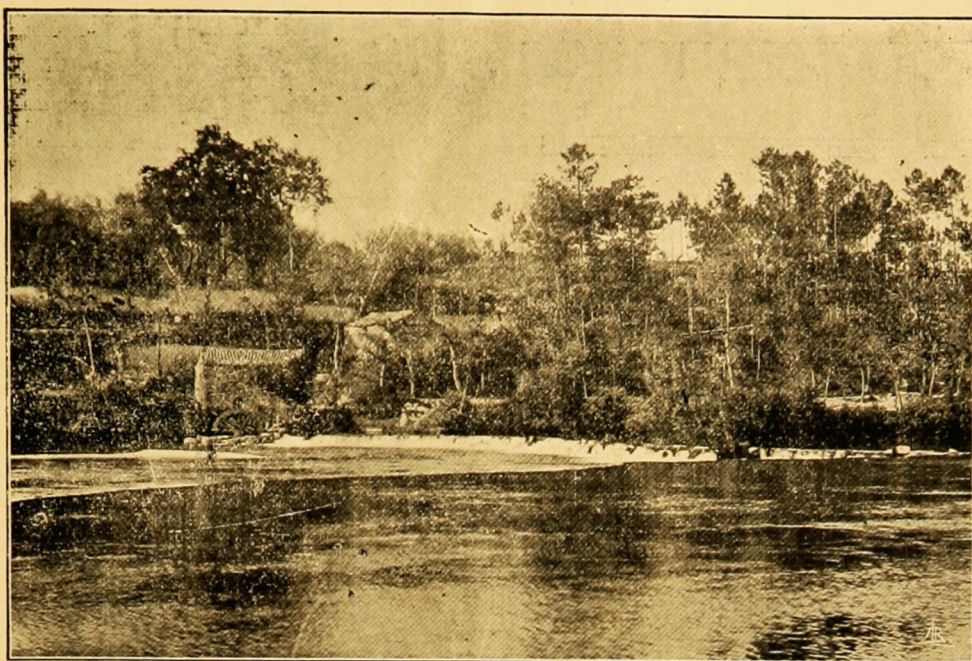


Uma azenha no rio Cavado



VIZELLA—O rio Ave

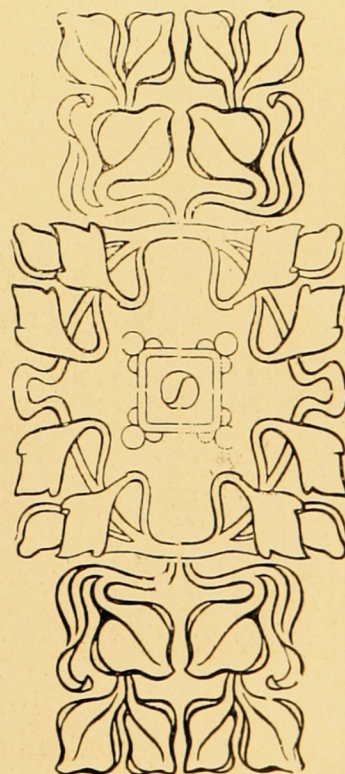
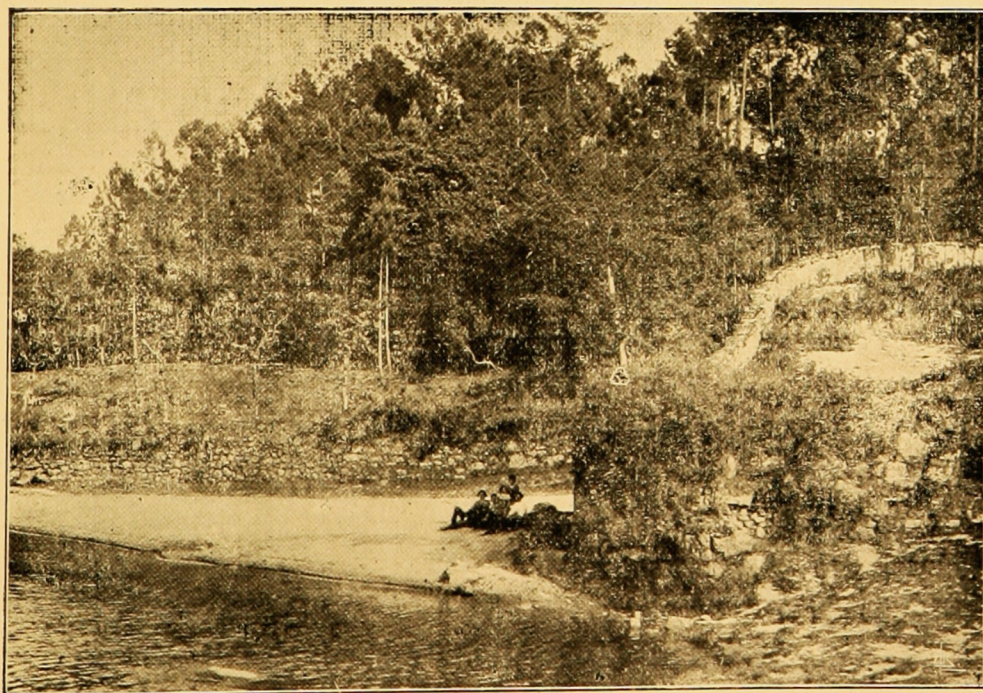
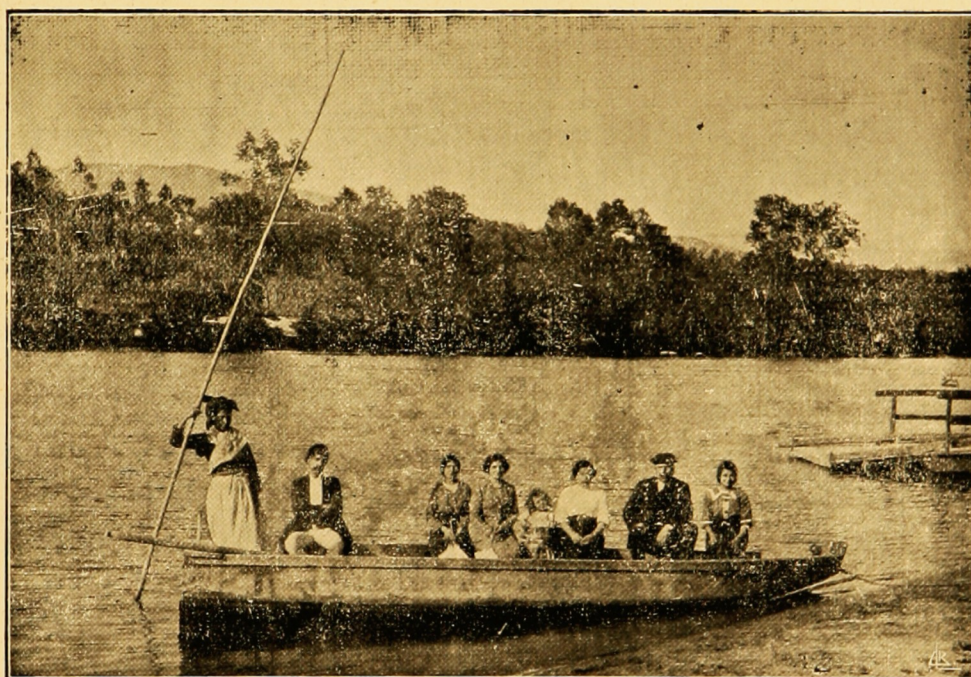




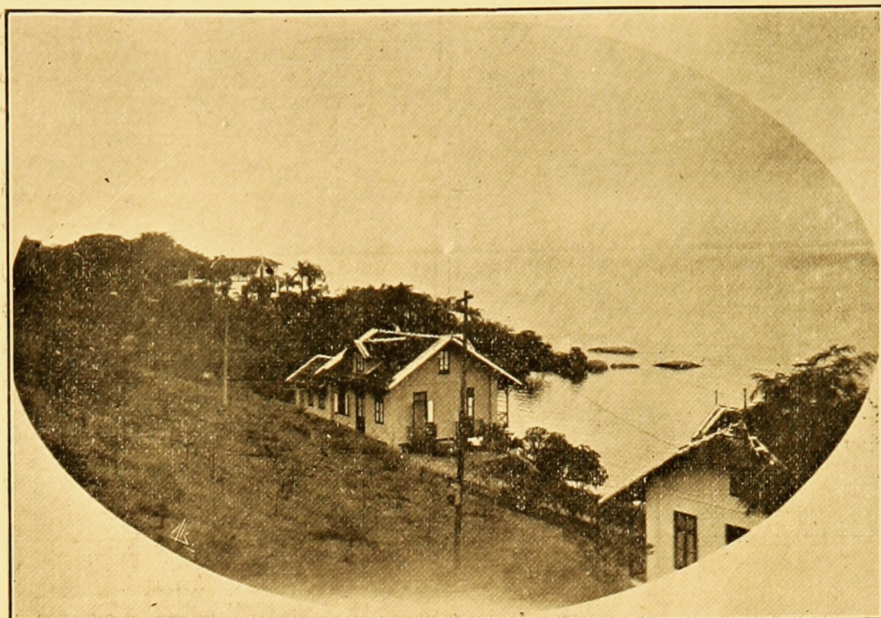
NO CAVADO—O mo-
nho abandonado.

2—Atravessando o rio.

3—No fim da travessia.



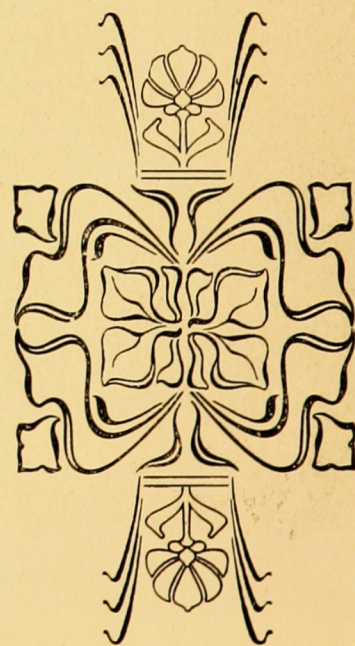
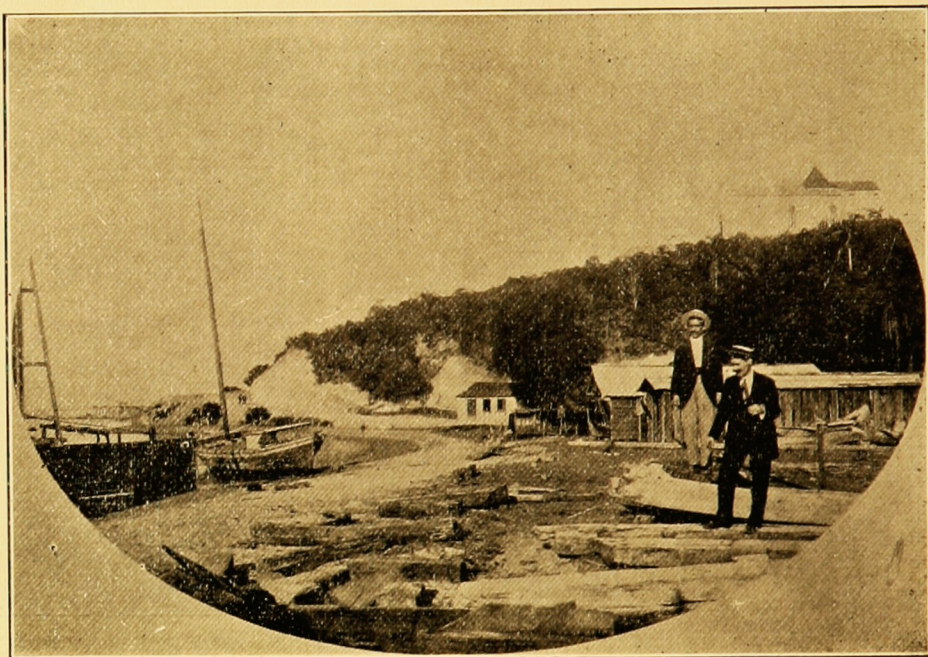
A "Ilustração Catholica,, no Brazil



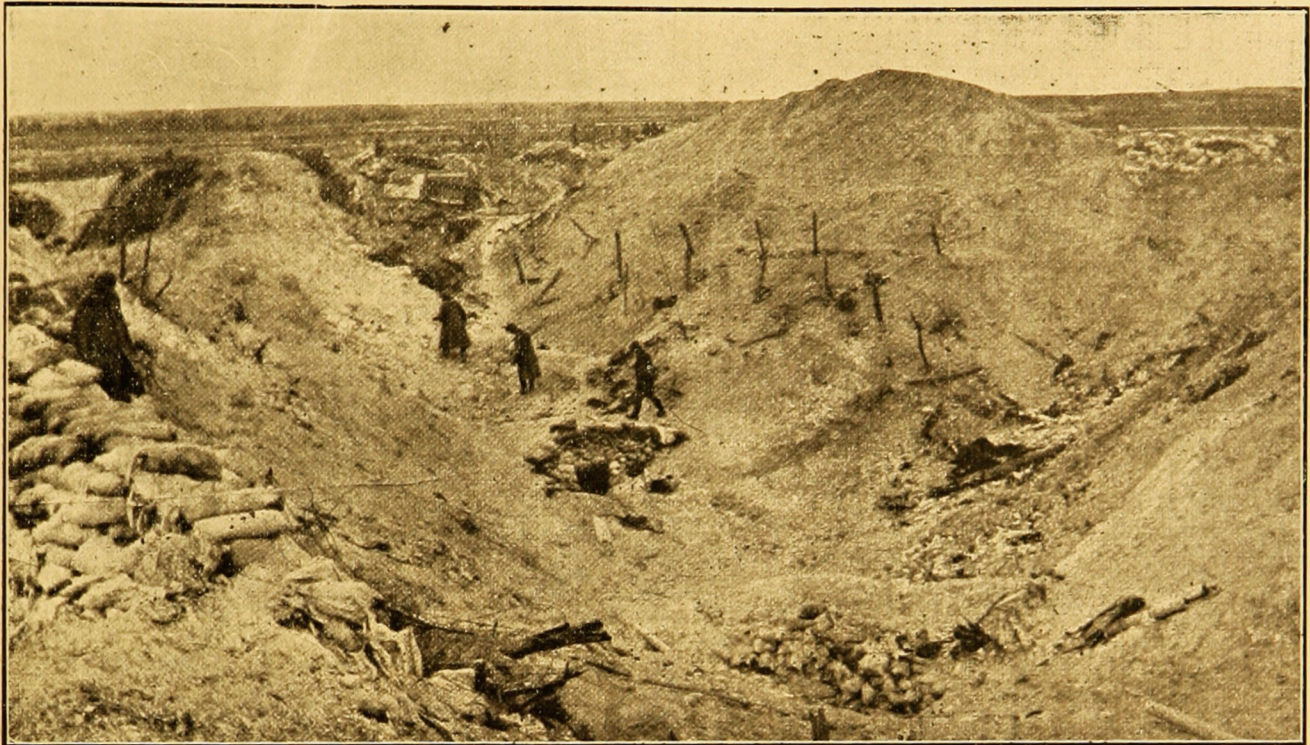
*Ex.^{mo} snr. José Sepulveda
Ferreira, propagandista
d'esta «Ilustração» no Brazil*

RIO DE JANEIRO

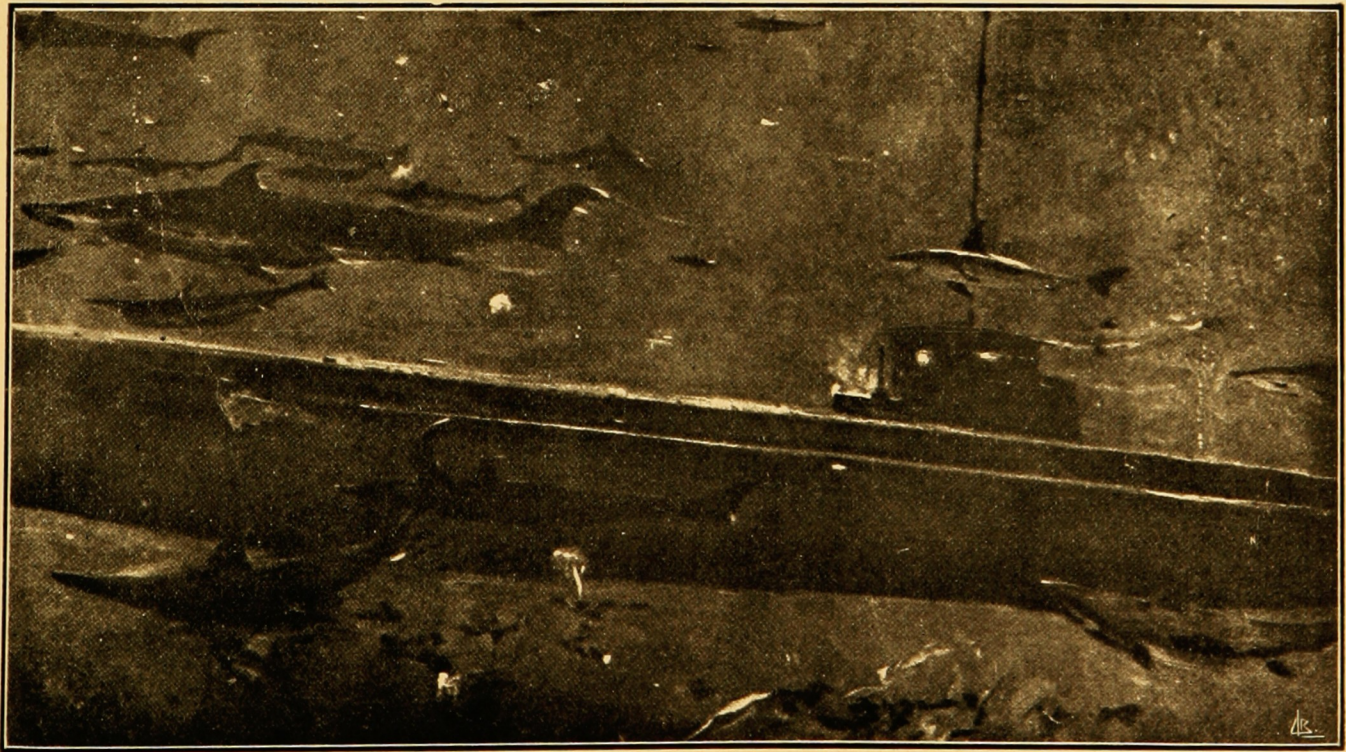
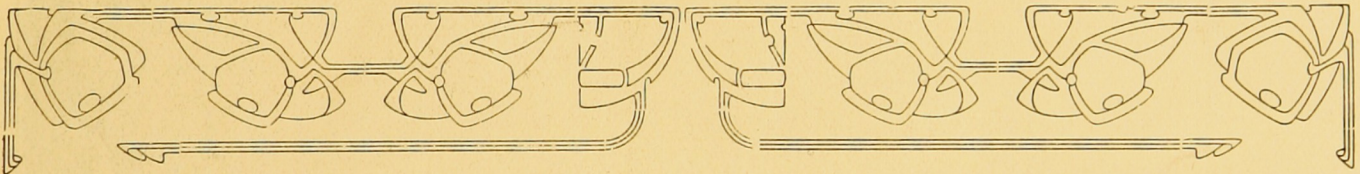
- 1—Ilha de Santa Cruz.*
- 2—Na ilha do Governador. O
porto de Gambi.*
- 3—Morro de Santa Thereza.*



A Guerra Europeia

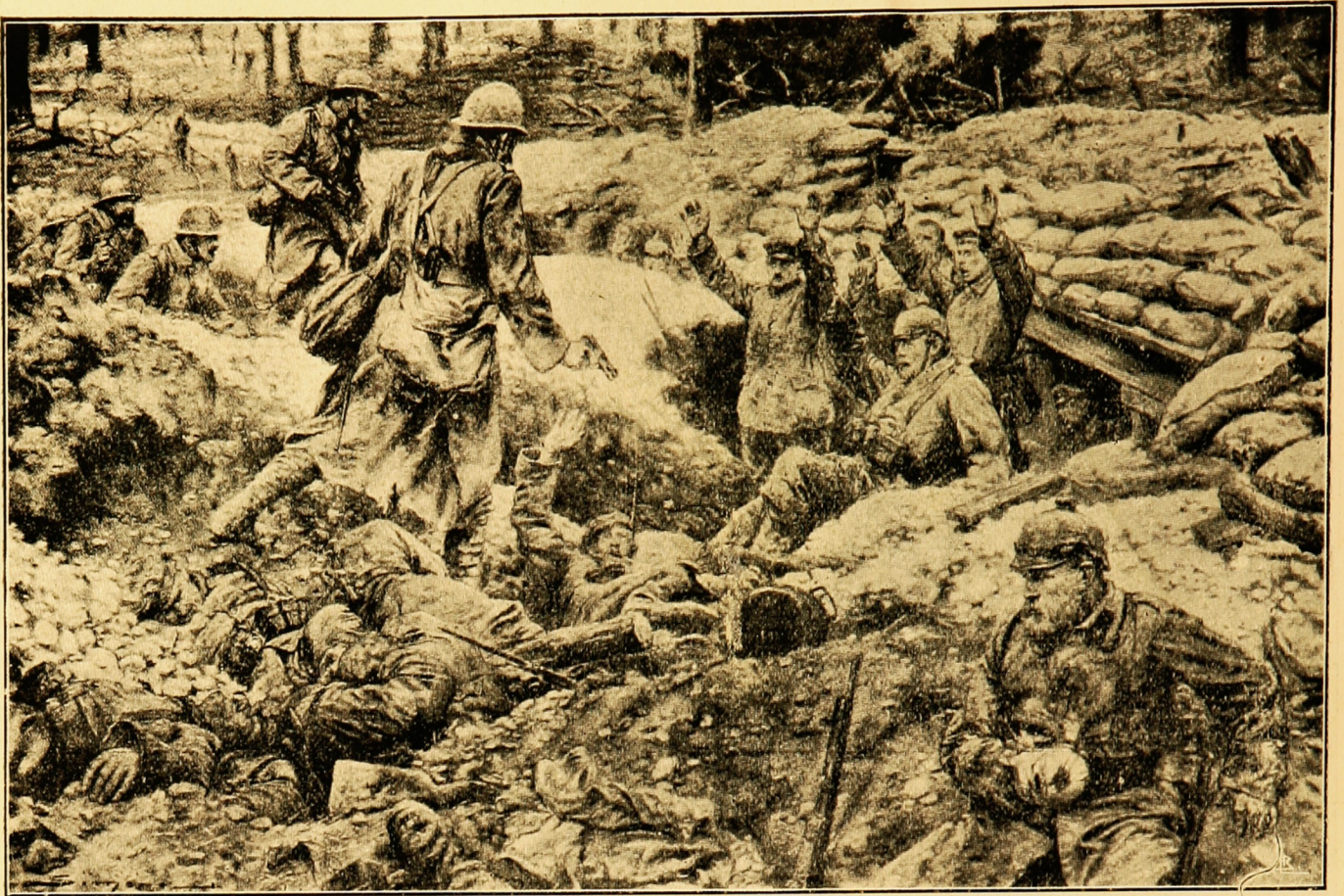


Estado em que ficou uma planície, depois da explosão de uma mina subterranea

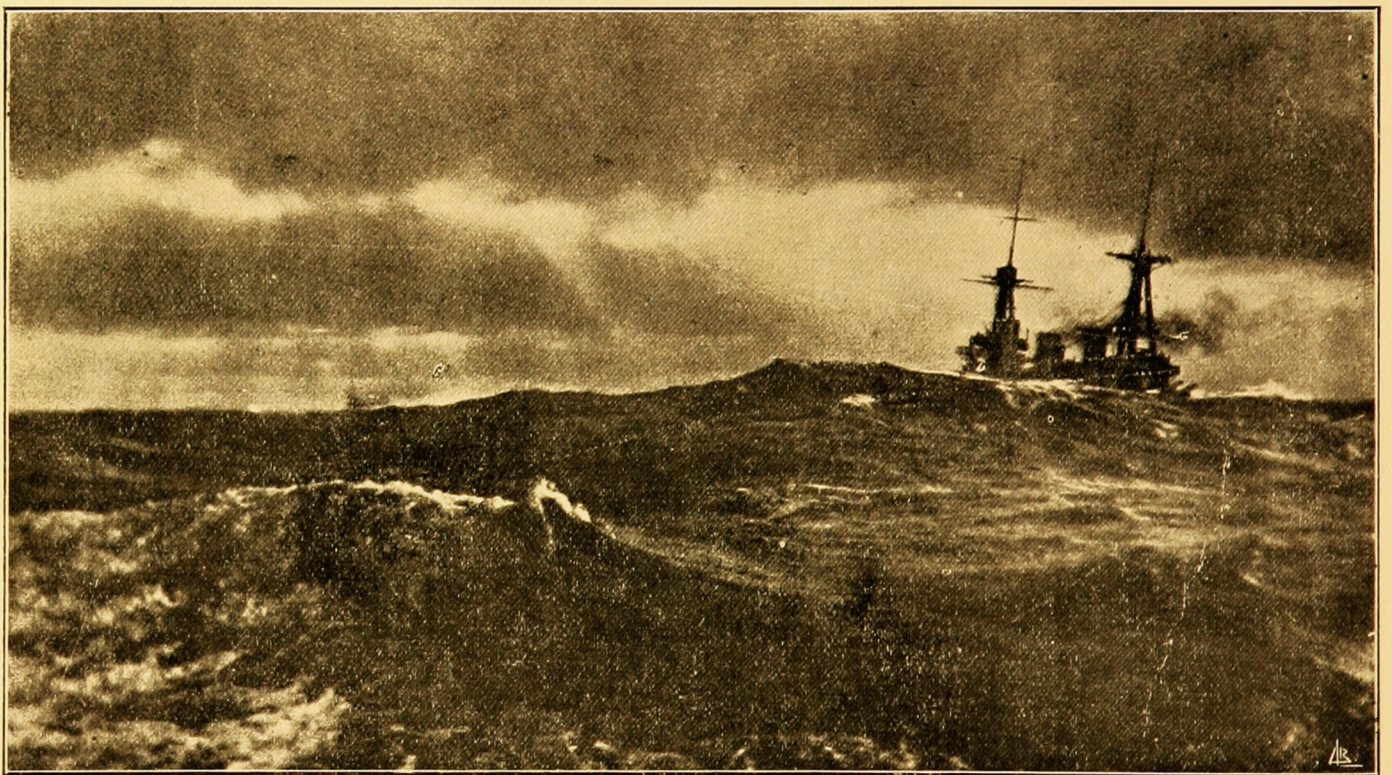
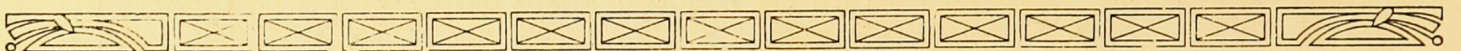


Um submarino allemão refugiando-se entre as aguas para melnor escapar às vistas do inimigo

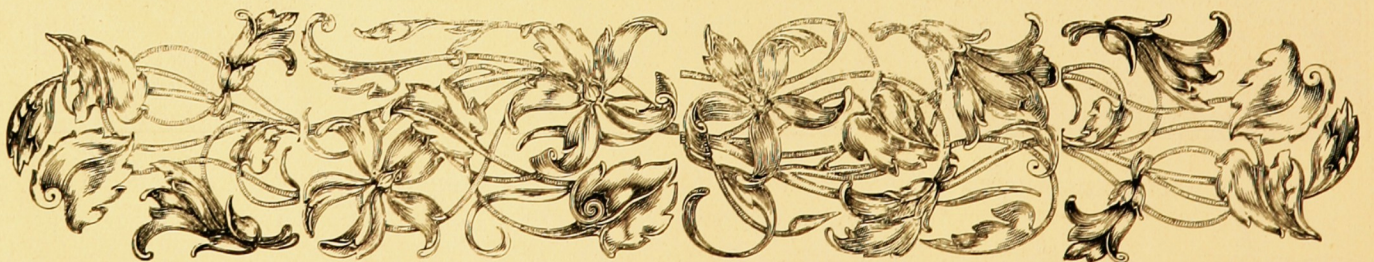




Soldados alemães aprisionados pelos francezes, durante um ataque às trincheiras



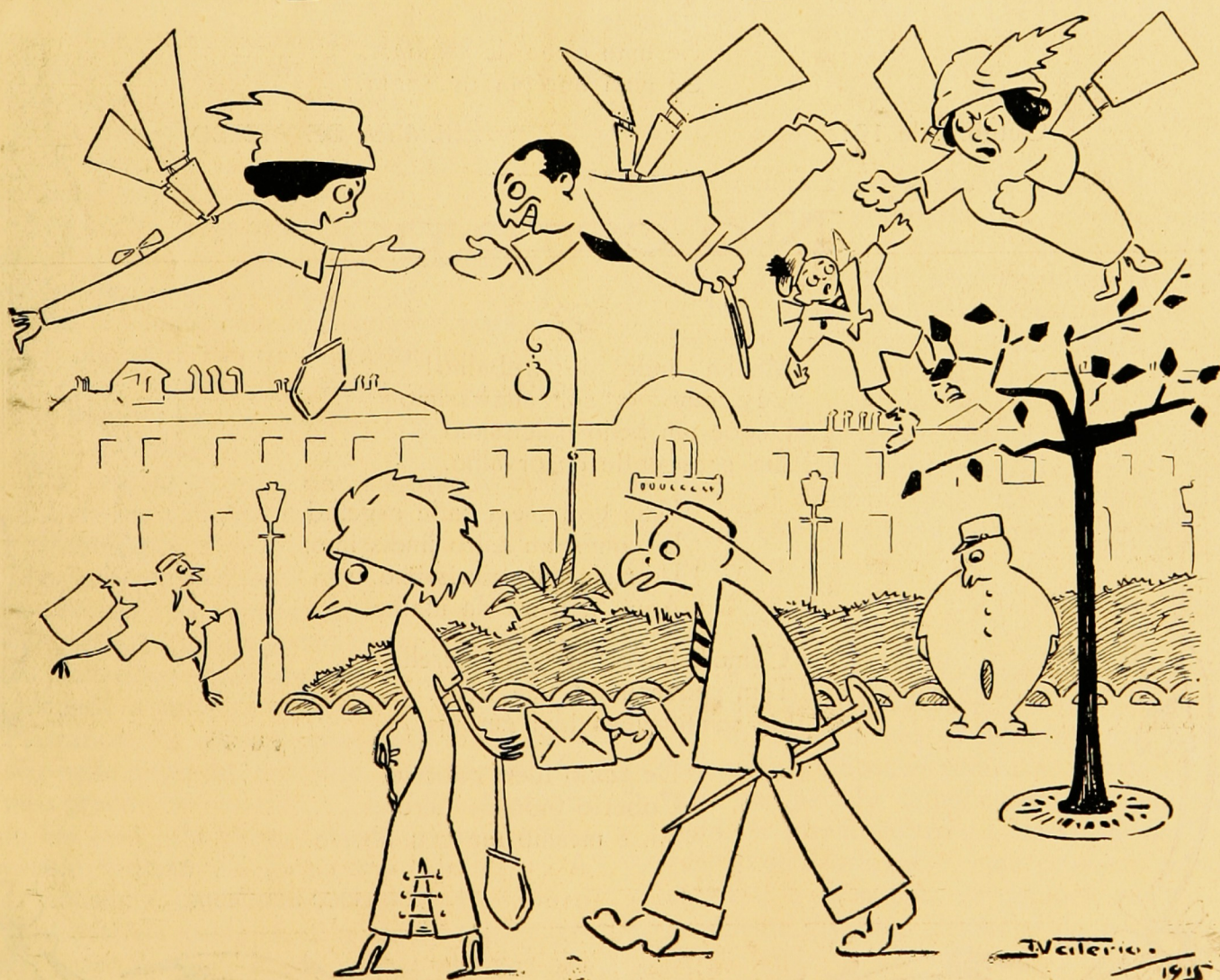
Um grande cruzador inglez em serviço de vigilancia no mar do Norte





Em 1807, a esquadra inglesa forçando os Dardanellos

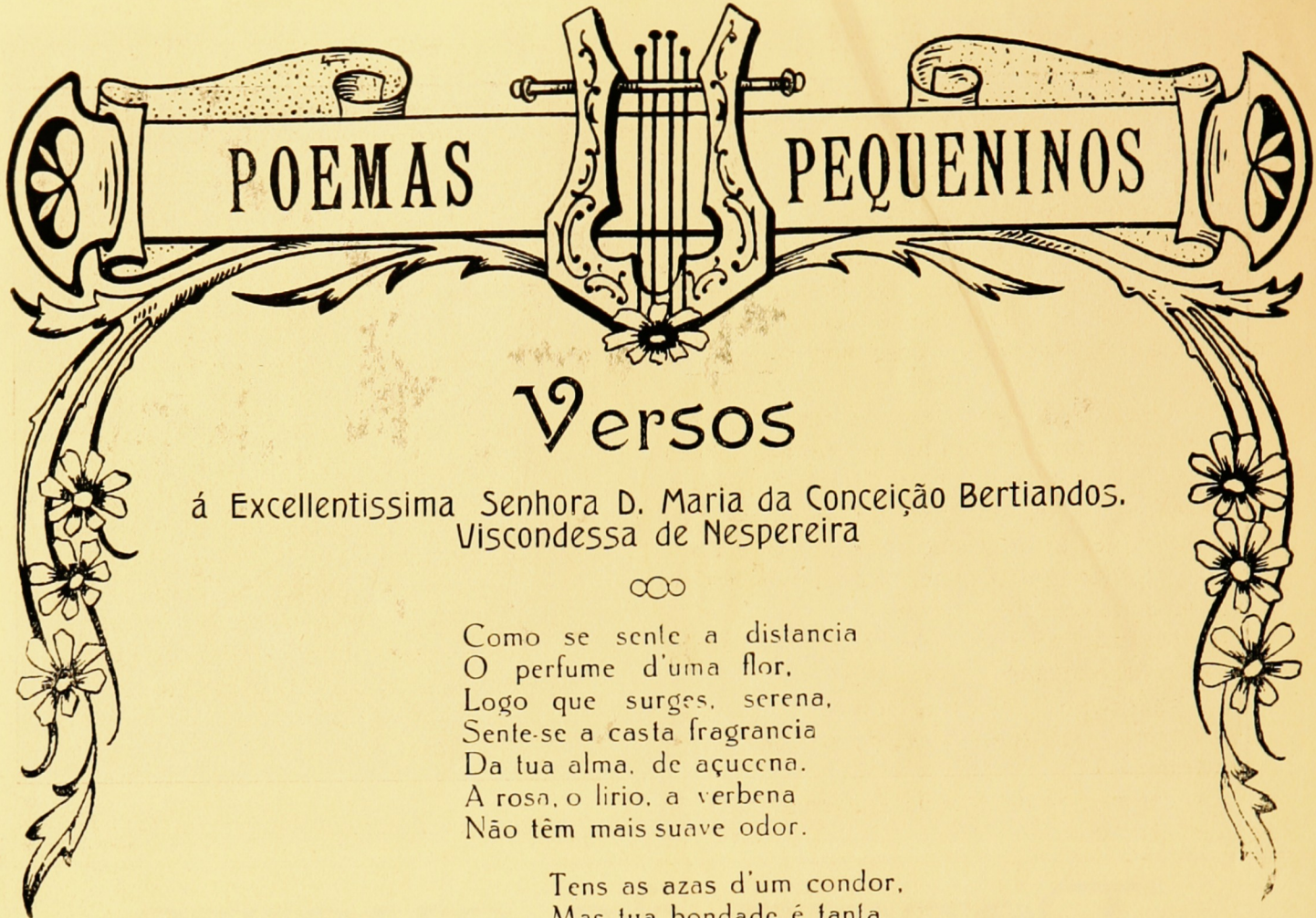
Depois da guerra



Pela terra e pelo ar...

«Os progressos da aviação, revelados na presente guerra, virão revolucionar fundamentalmente as condições da vida moderna.»





POEMAS

PEQUENINOS

Versos

à Excellentíssima Senhora D. Maria da Conceição Bertandos.
Viscondessa de Nespereira



Como se sente a distancia
O perfume d'uma flor,
Logo que surges, serena,
Sente-se a casta fragancia
Da tua alma, de açucena.
A rosa, o lirio, a verbena
Não têm mais suave odor.

Tens as azas d'um condor,
Mas tua bondade é tanta
Que eu não sei, senhora minha,
Qual te quadrava melhor:
Se uma coroa de rainha,
Se uma auréola de santa,

Outubro de 1915.

ZULMIRA DE MELLO.

No campo



Manhã linda de trabalho!
Vê como o sol suavissimo
Depõe um beijo dulcissimo
Em cada gotta de orvalho.

Uma gotta, em cada esgalho,
E' como um astro lindissimo,
Premeluzindo purissimo,
Aqui, á beira do atalho.

Como é lindo ver tanta estrell
Tam pequenina e tam bella,
De scintillações tam cêrulas...

De rocio tudo coberto,
Coberto tudo de perolas...
Ai, é mesmo um céu aberto...

FRANCISCO SEQUEIRA.

A mais cruciante dôr



HEGUEI ao arrabalde quando a tarde cahia sobre a cidade maldita.

Enchiam os caminhos gentes delirantes, ebricas de olhos faiscando crueldades, de boccas arreganhadas, vomitando satisfações ferozes.

De repente, o sol desapareceu, e uma densa treva cubriu o mundo, ao mesmo tempo que a terra, n'uma convulsão tremenda, sacudia os montes e os edificios como se os quizesse subverter no seu seio mysterioso, d'onde sahiam rugidos pavorosos, semelhando estertores de agonias dilacerantes.

A multidão estacou, aterrada e tremente, soltando blasphemias.

O philosopho inquiriu, sereno e curioso. Disseram-lhe que tinha morrido o justo, e elle então esereveu:

«A maior dor do mundo é a condemnação de um innocente.»

* * *

Avisinhava-se a noite quando uma mulher joven e formosa, amparada pelas boas filhas de Sião, desceu o monte, sufocada em pranto.

Era Maria, a Mãe de Jesus.

O philosopho então tornou a escrever:

«A maior dor humana é a perda de um filho, ainda que elle seja um Deus!»

E voltado para o monte, em cujo cimo se achava asteado o patibulo do condemnado, exclamou, curvando o joelho:

«Eu te saudo madeiro sagrado, symbolo da vida e pharol eterno da humanidade!»

E eu... vendo a Virgem imersa na sua immensa dôr bradei commovida:

— Avé-Maria! —

Ella baixou o seu olhar angustiado e contemplando-me com infinita doçura murmurou:

«Pobre, pobre de ti!»

Quando accordei do meu sonho, vi a imagem com as sete espadas a trespassarem-lhe o divino peito e duas lagrimas como perolas bemditas, soltando-se dos seus lindos olhos, cheios de piedade e amor.

Arrancar-lhe esses punhaes que dilaceravam o seu peito sagrado, cruciádo de martyrios, foi o meu grande desejo, mas... mal tinha despondado em mim este aneio, vi surgir junto d'Ella um anjo radiante de formosura e de luz... A sua mãosinha muito fina e pequenina, com o mais desvelado cuidado, com a mais celeste ternura, tirava-lhe uma a uma, as vis espadas que tinham feito brotar o sangue vivo do seu abençoado peito, e as lagrimas amarguradas dos seus bemditos olhos.

E a Virgem, beijando carinhosa e reconhecida aquella radiosa creança, baixou sobre mim o seu olhar piedoso e disse:

«Porque tremes?... Porque soluças?...

Viste-a junto de mim e choras ainda!...»

Oh sim! Era bem ella a filha da minha alma!...

E cahindo de joelhos exclamei:

— Bemdita sejaes Senhora! —

O templo tinha sido invadido pela noite, a escuridão era completa.

Ergui-me e dirigi-me vagarosamente para a porta. Ao transpo-la voltei-me:

Uma nesga de luar iluminava o rosto da Mãe de Deus. O Seu olhar, aquelle olhar cheio de lagrimas, seguia-me doce e resignado...

Quando sahi, tinha os meus olhos ainda humidados do pranto, mas já não chorava.

O ceu estava mais azul e as estrellas scintilavam mais bellas e fulgurantes...

Lisboa.

Novembro, 1915.

LUTHGARDA DE CAIRES.



FASTOS DO CATHOLICISMO

Salvum fac populum tuum Domine!

Acquiescendo ao convite pantificio, dirigido aos fieis por intermedio do principe-bispo de Cracovia, todo o mundo catholico rezou domingo passado pela mais desditosa das nações da terra, aquella a quem Deus, em seus altos designios, flagellou com o mais duro martyrio.

O chefe do catholicismo recordou-se mais uma vez da vaga do infortunio que se despeñhou sobre o desventurado paiz; recordou-se da missão christã da velha Polonia, do seu indefectivel amor á Igreja, da sua fidelidade religiosa atravez da mais anciante e diuturna das expaições.

Ministerio catholico

Bem differente importancia assumem os factos que vamos registrar.

No gran-ducado do Luxemburgo, onde em frente da colligação radical-socialista se levantava um partido catholico devidamente organizado, a jovem soberana, uma neta de D. Miguel I de Portugal e uma princeza catholica, accitou a demissão de gabinete radical, cujo presidente Eyschen dispunha do poder ha cerca de vinte annos, chamando a constituir ministerio um dos chefes do partido catholico, o dr. Lutsch, afim de inaugurar um novo regime e arrancar o paiz ás influencias sectarias.

O novo ministerio do Luxemburgo é constituído por jovens catholicos e dimana da vontade da Coroa. Naturalmente, a Camara dos deputados, em que a maioria era radical-socialista, começou de travar uma opposição obstructionista. Porem a gran-duqueza Maria Adelaide, com mãosinha firme, dissolveu-a.

Aoprâponderancia dos avançados derivava sobretudo da fruição do mando. Uma nova consulta popular facilmente converterá em maioria a importante minoria catholica.

Os leitores sabem que, mercê da energica attitude do leader catholico Prüm em face da invasão allemã, o seu partido progrediu immenso nas sympathias populares do grand-ducado. A' reviravolta politica do Luxemburgo não será estranho ainda este factor.



“Voile de Mariée,,



AMOUR, l'amitié, les larmes et le bonheur, se trouvent parfois ensemble à la même fête.

Un baptême nous fait sourire, un mariage nous fait pleurer...

Larmes faites de la rosée du ciel qui purifient le cœur...

Et chose étrange! un baptême me fait plutôt pleurer, qu'un mariage me fait verser des larmes!

L'enfant qui reçoit le baptême, si frêle et inconscient qui sourit et pleure au même temps, devrait entrer dans la vie avec méfiance.

Quel sort lui est-il réservé? Pauvre enfant, tu es tout petit, tout rose, tout mignon, le monde est là, devant toi, comme un gouffre béant, prêt à t'engloutir.

N'y entres pas, cher ange, disais-je une fois assistant à un baptême, n'y entres pas colombe du ciel... si c'est possible encore! La petite bouche sera pliée maintes fois, les beaux yeux bleus seront brulés par des larmes amères, tes cheveux blonds comme ceux de l'Enfant Jesus seront blanchis par les avelanches des tempêtes d'un monde méchant.

Va donc au ciel, là, ou les anges tes frères, t'ont bâti un petit palais tout rose et bleu.

Soudain l'enfant me regarde et il me semblait que l'ange du Seigneur descendait vers lui et que la clarté du ciel l'enveloppait de sa splendeur.

Effrayée, je me prosterne devant l'autel et je vois l'enfant devenu tout blanc et quelque chose que je ne saurais jamais expliquer me saisit et me fait regarder ce petit-être avec encore plus d'affection. L'enfant me semblait grandi tout d'un coup; et ni marraine, ni parrain, ni mère, ni père, étaient là pour le protéger.

Seul un grand nuage blanc, tout blanc comme la neige qui couronne nos montagnes en hiver, et diaphane comme une tache de la Voie Lactée, comme elle, lui montrait le chemin du ciel. — le chemin du bonheur et de la vertu.

Je vois encore ce nuage qui se faisait grand et peu à peu entourait le petit enfant qui grandit soudain et dans un moment se fait homme. Et jamais cette petite tache de la Voie Lactée, espérance d'un cœur de mère l'a abandonnée!!! Vision céleste, tu m'as fait oublier ce gouffre béant prêt à engloutir ce pauvre petit enfant, et toi, fantaisie de mon âme, dont tes yeux voient l'invisible et cet au de là que mes pauvres yeux mortels ne peuvent jamais atteindre, tu m'as raconté l'histoire belle et si simple de ce voile blanc qui enveloppait cet enfant le jour de son baptême, et qui a été son talisman dans la vie!

Le petit enfant tout petit, rose et mignon avait une grand mère, qui avait été belle comme — lui!

Dans sa jeunesse ou pourrait dire comme Musset:

«Elle est blanche, elle est douce et belle, franche, dit-on, et plus encore.

'A qui saurait s'emparer d'elle. Elle peut ouvrir un trésor.»

Cette belle jeune fille se maria à un jeune seigneur et ce beau couple s'aimait d'une tendre et loyale affection.

Ce fût une grande fête, celle de leurs fiançailles, jours d'allegresse pour tous leurs fidèles vassaux dont ils étaient si aimés.

Le Roi et les grands seigneurs donnèrent de magnifiques cadeaux à ce jeune et aimable couple; mais le plus grand don qu'ils reçurent, jamais ils n'ont su de quelles mains il venait. C'était le plus beau et le plus riche d'entre tous!... Le voile de la Mariée! Nulle part on n'avait rien vu de si fin, de si magnifique, et les gens du pays qui adoraient la fiancée, disaient qu'étant si belle, si bonne et si charitable pour les pauvres, les anges auraient aussi voulu la récompenser en lui faisant son voile nupcial...

Les jeunes châtelains respectant cette croyance, crurent aussi que ce voile porterait bonheur à leur descendants et ils le gardèrent avec autant d'amour et de respect, que tous les enfants reçurent leurs Sacrements toujours parés de ce royal tissu brodé par les anges du Seigneur, et bientôt ce sera l'ainée de leurs petites filles qui recevra le Pain Eucaristique revêtue de ce manteau argenté que les Seraphins ont tissé de leurs mains diaphanes.

Ce voile blanc, mystique et mystérieux que les artistes du Ciel ont tissé eux-mêmes, ne renferme-t-il pas une grande pensée?

— Celle de la bénédiction Divine qui abrite sous sa protection illimitée tous ceux que se seront parés devant l'autel du Seigneur, du beau voile de la Mariée.